

TEXTOS PARA LÁ, TEXTOS PARA CÁ: os aspirantes a escritor no universo escolar

Felipe Figueira¹

Resumo: O objetivo do presente trabalho é mostrar, em um primeiro momento, como se deu o meu ingresso no mundo da leitura e da escrita, com ênfase para o universo da escrita. Em um segundo momento, trata-se de mostrar experiências de como que é possível incentivar a escrita no universo escolar, para que mais e mais histórias e escritores venham à luz. Junto aos textos, há fotografias que ilustram e corroboram o que as palavras argumentam.

Palavras-chave: Escrita. Universo Escolar. Educadores.

Abstract: This paper first examines my initial immersion into the realms of reading and writing, with a primary focus on the nuances of the writing experience. Subsequently, it investigates strategies to foster writing within the educational setting, aiming to inspire the emergence of new narratives and writers. Alongside the texts, photographs are included to illustrate and support the arguments presented.

Keywords: Writing. School Environment. Educators.

Introdução

Como se forma um leitor? Como se forma um escritor? Como estimular ambas formações no ambiente escolar? Essas são questões norteadoras do presente trabalho, tendo por foco privilegiado o ofício do escritor.

É sabido, todavia, que a resposta última ao motivo pelo qual as coisas se dão é obscura, como dizia Nietzsche (2003), mas, nem por isso há uma impossibilidade quanto à busca por respostas, pelo contrário, afinal, o mesmo filósofo, inspirado em Píndaro, dizia “torna-te quem tu és” (Nietzsche, 2009)².

¹ Professor de História, Pedagogia e Direito no IFPR campus Paranavaí. Doutor em Educação e Pós-doutor em História. Possui vários livros publicados, dentre eles “Travessias”, “Dom Quixote”, “Versos de Varsóvia”, “Diário de um Docente: 2019-2021”, “Bergman & eu”, “Por trás da banca: experiências de um elaborador de concursos” e “A Casa”. Email: felipe.figueira@ifpr.edu.br

² Essas questões nietzschianas explorei em meu mestrado, cuja dissertação foi publicada em livro (referência ao final).

Não é a justiça que se acha aqui em julgamento, nem tampouco a misericórdia que anuncia aqui o veredicto: mas apenas a vida, aquele poder obscuro, impulsionador, inesgotável, que deseja a si mesmo. (Nietzsche, 2003, p. 30 – grifos meus).

Suponhamos que alguém se ocupe com Demócrito, então, a pergunta sempre fica para mim na ponta da língua: Por que não Heráclito? Ou Filon? Ou Bacon? Ou Descartes? – e assim por diante, arbitrariamente. E, então: por que justamente um filósofo? Por que não um poeta, um orador? E: por que em geral um grego, por que não um inglês, um turco? O passado não é grande o suficiente para encontrar algo em que vós não vos apresentais de maneira tão risivelmente arbitrária? Mas, como dissemos, trata-se de uma geração de eunucos; para o eunuco, uma mulher é como qualquer outra, justamente apenas mulher, a mulher em si, o eternamente inatingível – e, com isto, é indiferente o que vos impulsiona, contanto que a própria história permaneça bela e “objetivamente” conservada, especialmente por aqueles que nunca podem fazer história por si mesmos. E como o eterno feminino nunca vos atrairá para si, vós o rebaixais até vós, e tomai, como neutros, a história como algo neutro. (NIETZSCHE, 2003, p. 45-46 – grifos meus).

Diante desse cenário é que vem o intuito deste artigo, estimular a leitura e a escrita para que novos mundos surjam.

Minha história com a escrita

A minha relação com a leitura vem antes da relação com a escrita, pois, eu via a minha mãe lendo desde a minha mais tenra infância. Suas leituras iam desde livros e gibis até revistas, sendo estas a sua leitura preferida. Logo a minha mãe percebeu o meu interesse pela leitura e me deu gibis. Tenho nostalgia de lembrar da minha infância em meio à Turma da Mônica, sendo que até hoje, aos meus 36 anos, guardo aquelas revistas em quadrinhos e quando quero voltar à minha meninice é só reler as aventuras de Mônica, Cebolinha, Cascão e companhia. Por tudo isso, minha mãe foi a minha primeira educadora.

Também comenta a minha mãe que desde cedo eu adquiri o hábito de escrever, ora no papel, ora no ar. Ela recorda que os meus dedos não cansavam de rabiscar o vento. Até hoje eu me pego resolvendo problemas no ar. O fato é que eu queria também ser um criador de histórias, só que isso ia demorar um pouco mais, seria algo para o início da adolescência.

Quando eu tinha doze anos, já um leitor assíduo, comecei a escrever, e isso a partir do incentivo dos professores, em especial nas aulas de Língua Portuguesa. Meu primeiro poema, “O defunto da discórdia”, escrito aos doze, é o único que, até hoje, sei de cor, e tem uma perspectiva cíclica, como uma espécie de prenúncio para os meus estudos futuros em torno do filósofo Friedrich Nietzsche. Reproduzo abaixo o poema.

O defunto da discórdia

Hoje estou contente,
acordei pensando em mim mesmo
e também em uma pessoa magra,
que chegava a aparecer o esqueleto.
Mas, que estranho pensar em esqueleto,
porque esqueleto faz lembrar defunto,
defunto faz lembrar cheiro mau,
cheiro de decomposição.
Decomposição que esterca o solo,
esterco que produz alimentos,
alimentos que todos nós comemos.

Então, no meio de toda esta confusão,
acabamos comendo defunto?

Contudo, foi no Ensino Médio³ que a minha escrita ganhou um decisivo salto, pois foi quando conheci um mestre da Língua Portuguesa, professor Sebastião Soares de Castro, um artista multifacetado: professor, escritor, compositor, pintor, diretor de teatro, ator e escultor. Suas aulas são acontecimentos mágicos em minhas memórias, sendo que até hoje tenho contato com o mestre. Às vezes, no meu dia a dia docente, me pergunto: “O que o professor Sebastião faria? Como se comportaria?” Assim, à la Exupéry, procuro seguir o meu coração; assim, à la Camus, procuro me inspirar no meu professor Germain.

E voltou, então, à raposa:
- Adeus... – disse ele.
- Adeus – disse a raposa. – Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.

³ Ainda falta eu escrever um texto específico sobre o meu percurso formativo na educação básica, mas, a jornada iniciando-se na primeira graduação até ao pós-doutorado já foi escrita e publicada, por meio de uma trilogia intitulada “O percurso formativo”, cujas referências seguem ao final.

- O essencial é invisível aos olhos – repetiu o príncipezinho, para não se esquecer. (Saint-Exupéry, 2015, p. 72).

Quem é Camus? Tenho a impressão de que aqueles que tentam decifrar sua personalidade não conseguem fazê-lo. Você sempre deu mostrar de um pudor instintivo a revelar sua natureza, seus sentimentos. Isso você consegue melhor ainda porque é simples, direto. E bom ainda por cima! Essas impressões você me transmitiu em classe. O pedagogo que quiser realizar conscienciosamente sua profissão não despreza nenhuma oportunidade de conhecer seus alunos, seus filhos, e elas se apresentam o tempo todo. Uma resposta, um gesto, uma atitude são amplamente reveladores. Portanto, creio conhecer bem o gentil menininho que você era, e a criança, com muita frequência, contém em germe o adulto que se tornará. O seu prazer de estar na aula expandia-se de todos os lados. Seu rosto manifestava otimismo. (Germain, 2024, p. 44, 45 – grifos meus).

E então eu escrevi e escrevi e dava para o mestre ler. Sempre vinham anotações e palavras de incentivo. Eu gostava de compartilhar os meus textos porque eu tinha a certeza de que eles seriam lidos, por dentro e por fora. Por dentro: o professor era um leitor experiente e sabia me indicar caminhos para melhorar a escrita; corrigia a fundo o meu texto. Por fora: ele também sabia me ler, pois nos tornamos amigos.

De tudo o que aprendi com os meus educadores, minha mãe e o professor Sebastião, é que um adulto, no caso, um educador, deve saber ler a criança e o adolescente por dentro e por fora, procurando incentivar e aprimorar seus talentos/aptidões. Um talento, por si só, pode sucumbir em meio ao cotidiano, então, é preciso granjeá-lo, cultivá-lo. minha mãe me levava a sebos e bancas de revistas; o professor Sebastião lia os meus textos e me dava tarefas extras de acordo com os meus gostos.

O escritor que se tornou professor

No terceiro ano do Ensino Médio me tornei seminarista e assim foi por um ano e meio. Esse período só serviu para aguçar o meu gosto pela leitura, a ponto de que me tornei o responsável pelas bibliotecas tanto do Seminário Menor de Paranavaí quanto do Seminário Propedêutico de Umuarama. Mas, como fiquei pouco no seminário, tive de tomar outros rumos, mas que estes, intelectualmente, não foram

tão distintos do inicialmente almejado. Enquanto seminarista, eu fazia Filosofia, mas, ao sair, fiz História, por julgar ser um curso próximo da Filosofia. Por mais que, na prática, não fosse, eu fiz com que se tornasse, por meio de leituras e dos meus escritos.

Ao me tornar professor, no final de 2010, mas, sobretudo, ao me tornar professor no IFPR campus Paranavaí, em janeiro de 2012, eu procurei me lembrar dos meus modelos de educadores para também eu pudesse gerar bons frutos. Eu buscava (e busco) incentivar meus alunos em seus talentos e, no caso particular, a que gostem de escrever.

Como costume brincar, a minha mãe direita tem seis dedos, pois vivo com uma caneta entre eles. Por causa disso estou sempre com textos em andamento, levando-os pra os meus alunos verem e lerem para que possam acompanhar em detalhes o ofício do escritor. Eu digo aos estudantes, desde o princípio, algo caro a William Zinsser, que escrever é reescrever; e também algo caro a Flaubert, que escrever, por mais prazeroso que seja, é um escalar de montanhas. Mas, que fruição há no fruto do trabalho e que beleza é olhar o horizonte do alto da montanha (eu já tive o prazer de subir o Pico do Agudo, em Sapopema-Paraná, e a vista é belíssima).

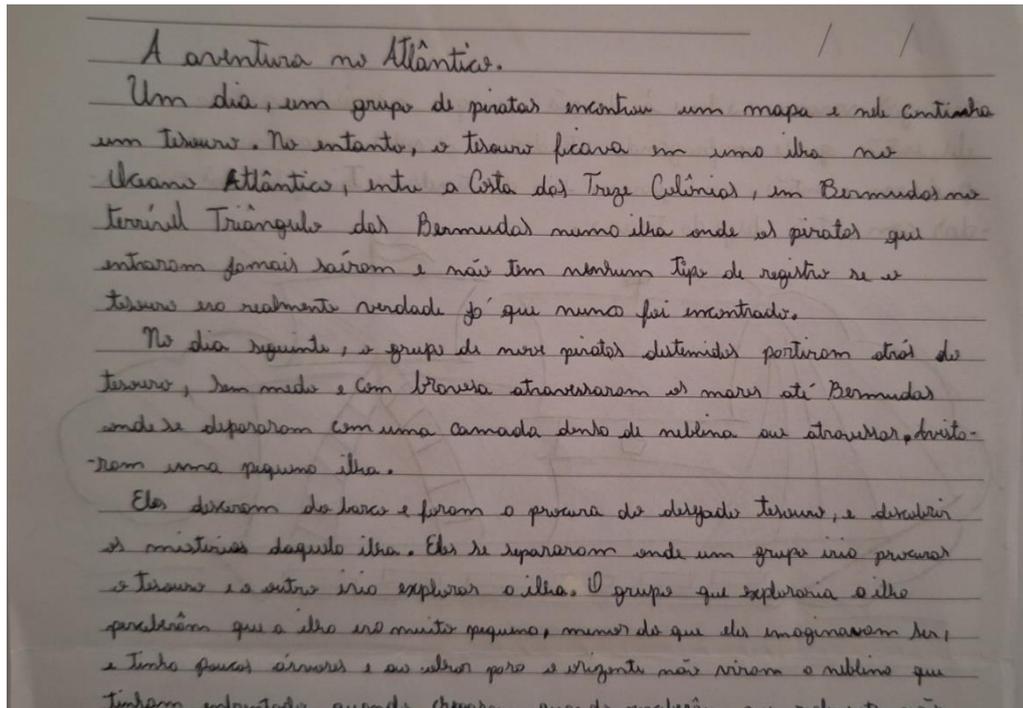
Você não vai escrever bem enquanto não entender que escrever é um processo contínuo, não um produto acabado. Ninguém espera de você que o faça corretamente já na primeira vez, nem mesmo na segunda. (Zinsser, 2017, p. 106).

Eu não sei se é a primavera, mas estou com um mau humor prodigioso; tenho os nervos irritados como fios de latão. Estou com raiva sem saber de quê. Deve ser meu romance talvez a causa. Não vai, não anda. Estou mais cansado do que se empurrasse montanhas. Há momentos em que tenho vontade de chorar. É preciso uma vontade sobre-humana para escrever e eu sou apenas um homem. Às vezes parece que tenho necessidade de dormir seis meses seguidos. Ah! com que olho desesperado eu olho para eles, para os cimos destas montanhas que meu desejo gostaria de escalar! Você sabe quantas páginas eu vou completar dentro de oito dias desde que voltei daí? Vinte. Vinte páginas em um mês trabalhando pelo menos sete horas por dia; e qual o fim de tudo isto? O resultado? Amarguras, humilhações internas, nada em que se amparar a não ser a ferocidade de uma fantasia indomável. Mas envelheço, e a vida é curta. (Gustave Flaubert a Louise Colet. Carta de 3 de abril de 1852.)

Certa vez levei um aluno para que fosse comigo à biblioteca do grande poeta paranavaense Sérgio Rubens Sossélla (1942-2003). Essa biblioteca, que conta com mais de vinte mil livros, é cuidada com esmero pela família, que, para a minha felicidade, sou próximo. Inclusive já escrevi um livro de poemas sobre/em homenagem a Sossélla, “sossélla sobra silfos”, e, de presente, ganhei quase duzentos livros de autoria do poeta. O meu aluno de Ensino Médio, Henrique Capel, ficou admirado com aquela riqueza e espero que aquele momento especial lhe renda muito. Ninguém sabe ao certo quando os frutos dos escritores brotarão... Eles brotam constantemente, mas, há épocas especiais.



Meu aluno Henrique Capel e eu na biblioteca do poeta Sérgio Rubens Sossélla.



Os originais do conto “A aventura no Atlântico”. Autoria de Jeanne Michels D Aviz.

O que eu percebo, enquanto professor, é que há talentos e mais talentos escondidos, mas que cabe ao professor fazer com que venham à luz. É essa a minha meta e, por causa dela, vejo continuamente em minha prática docente textos brotarem. Às vezes são textos literários, contos, poemas, às vezes são textos de não ficção, crônicas, relatos e artigos. Nessa minha busca por escritores no universo escolar, já descobri joias que vão desde alunos do Ensino Médio, passando pela graduação, até o mestrado. Inclusive, uma das minhas ex-alunas de mestrado, Jacilene Cruz, de tão bem que escrevia, ajudei a publicar o seu primeiro livro, “As impressões das pontas dos dedos de Mainha no cuscuz”, que, para a minha honra, escrevi o prefácio, e lhe ajudei a ter uma coluna no Jornal Noroeste de Nova Esperança-Paraná⁴.

Para um professor incentivar um aluno a escrever, ele não precisa inventar a roda. Basta ser franco, isto é, mostrar o universo da escrita, em suas belezas e

⁴ Neste Jornal, que tem versão impressa e online, mantenho uma coluna, “Travessias”, desde 2018, e já publiquei mais de cento e cinquenta textos, em sua maioria sobre educação, literatura, história e viagens. Para acessar os textos: <https://jornalnoroeste.com/colunista/dr-felipe-figueira>

exigências, e ter um interesse real pelo que o aluno escreve que a ligação vem. A ligação vem.

A publicação dos meus alunos

Como ensino aos meus alunos, escrever é reescrever. Não há texto que não precisa de uma segunda, terceira ou vigésima leitura. No início, quando um aluno de aproxima de mim e me apresenta o texto, eu próprio me torno o corretor, mas, depois, incentivo que eles se tornem seus próprios críticos para, só então, trazerem o texto para eu ler. Com esse método eu percebo que os textos vêm mais qualificados.

E como gosto de, entre escritores, ter uma relação bilateral, também eu, após ter corrigido o que eu fiz, mostro meus textos para que os meus alunos corrijam. Certa vez mostrei um livro⁵ para uma aluna e, para resolver o problema que ela me colocou, tive de ler mais de trezentas páginas e escrever cinco. Ao final, meu livro ganhou em qualidade e a estudante viu que eu realmente considerei o que ela pontuou.

Há alunos que, após mostrarem o primeiro texto, verdadeiramente se empolgam e acham que tudo o que fazem é digno de publicação. É divertido ver isso, mas, é também o momento de, com cuidado, dizer que nem tudo deve vir à luz, pois há coisas na vida que são apenas treinos e preparações. Para um artista ir à Olimpíada quantos treinos ele teve que praticar... Isso faz lembrar a lição que Mario Quintana deu a Charles Kiefer.

- Meu filho – ele disse, depois de um olhar desolado sobre meu livro, que ele trouxera consigo e que agora repousava sobre as suas pernas -, escreva 200 poemas...
Tirou a fumaça do nariz, olhou uma eternidade para os transeuntes e depois me encarou:
- ... e publique 20. (Kiefer, 2010, p. 57).

Mas, algo que gosto de fazer é sempre, mesmo diante de um texto com problemas, é não desanimar. Eu digo aos meus alunos: “O que vocês querem dizer com isso? Diga-o do modo mais simples e verdadeiro que puder e então volte para eu ler.” Esse conselho aprendi com Hemingway, em “Paris é uma festa”, e o tenho com

⁵ O livro se chama “O plano de aula e a prova didática” (previsão de publicação para 2025), que é uma versão aprofundada do meu artigo “O plano de aula e a banca de concursos” (referência ao final).

uma das joias mais preciosas que guardo comigo. E com esse conselho, ainda, incentivo o escritor a pesquisar, uma tarefa essencial a esse ofício.

Era maravilhoso descer os longos lances de escada sabendo que meu trabalho correria bem. Eu sempre trabalhava até que tivesse alguma coisa acabada e parava quando sabia o que ia acontecer depois. Desse modo podia ter a certeza de continuar no dia seguinte. Mas, às vezes, quando iniciava um novo conto e não achava jeito de continuá-lo, sentava-me junto ao fogo, espremia nas chamas as cascas das pequenas laranjas-cravo e espiava as fagulhas azuis que se desprendiam. Levantava-me, punha-me a contemplar os telhados de Paris e pensava: “Não se aborreça. Você sempre escreveu antes e vai escrever agora. Tudo o que tem a fazer é escrever uma frase verdadeira. Escreva a frase mais verdadeira que puder.” Assim, finalmente conseguia escrever uma frase verdadeira e avançava a partir daí. A coisa não era tão difícil, nessa época, porque havia sempre uma frase verdadeira que eu conhecia, tinha lido ou ouvido alguém dizer. Se começasse a escrever rebuscadamente, ou como se estivesse defendendo ou apresentando alguma coisa, percebia logo que podia cortar esses floreados ou ornamentos, jogá-los fora, e começar com a primeira proposição afirmativa verdadeira e simples que tivesse escrito. Foi lá naquele quarto que decidi escrever um conto a respeito de cada coisa que conhecesse realmente bem. Era o que me esforçava por fazer, sempre, e esse método constituía uma boa e severa disciplina. (Hemingway, 2011, p. 26-27).

Então chega o momento da publicação, o que é motivo de alegria tanto para mim quanto para os meus alunos (e também para a sua família). Frequentemente, ao publicar o texto de um estudante, recebo uma mensagem de gratidão de um familiar. Para mim, publicar é relativamente simples, pois sou colunista no Jornal Noroeste, que tem duas edições por semana, um lugar que escoo a minha produção, a dos meus amigos e a daqueles que chamo de aspirantes a escritor no universo escolar.



Minha aluna Sofia e eu com o seu texto “Análise da Canção do Exílio”. Jornal Noroeste. Edição 1619. 26 de julho de 2024.



Minha mãe e eu com o livro “As impressões das pontas de Mainha no cuscuz”, de Jacilene Cruz (Desconcertos Editora, 2024). Neste livro há fotografias da minha genitora.

Jeanne Michels Daviz
1º ano de Informática –
IFPR campus Paranavai

ARTIGO

Aventura no Atlântico



Um dia, um grupo de piratas encontrou um mapa e nele continha um tesouro. No entanto, entre a Costa das Treze Colônias, em Bermudas, no terrível Triângulo das Bermudas, numa ilha onde os piratas que entraram jamais saíram, e não tem nenhum tipo de registro se o tesouro era realmente verdade, já que nunca foi encontrado.

No dia seguinte, o grupo

de nove piratas destemidos partiu atrás do tesouro. Sem medo e com braveza atravessaram os mares até Bermudas onde se depararam com uma camada densa de neblina. Ao atravessarem pela neblina avistaram uma pequena ilha.

Eles desceram do barco e foram à procura do desejado tesouro para descobrir os mistérios daquela ilha. Eles se separaram onde um grupo iria

procura o tesouro e um outro exploraria a ilha. O grupo que exploraria a ilha percebeu que ela era muito pequena, menor do que eles imaginavam ser, e tinha poucas árvores e, ao olhar para o horizonte, não viu a neblina que tinham em frente quando chegaram, então, percebendo que realmente não tinha saída, os piratas entraram em desespero.

Enquanto o grupo explo-

rador estava desesperado, o grupo que estava atrás do tesouro já tinha cavado vários buracos no chão. Só quando os homens estavam prestes a desistir é que a pá de um deles bateu em algo. Então ele cavou mais um pouco e percebeu que era o baú do tesouro que estavam procurando. Eles pegaram o baú e foram à procura do grupo explorador que estava aos prantos, desespera-

do. O segundo grupo perguntou o que havia acontecido, e os demais, com um ar de medo, disseram que não havia saída na ilha, e que talvez iriam ficar ali para sempre.

Então, em meio ao desespero da tripulação, o capitão, confiante, mandou estender as velas ao ar, puxar a âncora, segurar o leme e se jogar ao mar. Eles navegaram até darem de frente com uma tem-

pestade. Em meio ao caos, o baú deslizou pelo navio, que caiu e abriu, assim derrubando várias moedas de ouro e prata. Junto às moedas tinha uma bússola que apontava para o oeste. O capitão, ao ver a bússola, disse para os marujos para virarem o leme na direção em que a o instrumento apontava. Eles, quase naufragando, estenderam as velas o máximo que puderam, e então conseguiram sair do tenebroso Triângulo das Bermudas com o tão desejado tesouro.

“Aventura no Atlântico” publicado. Jornal Noroeste. Edição 1637. 27 de setembro de 2024.

Publicar é vir à luz, é dizer ao mundo “este texto pode e merece ser lido”. Com isso, pessoas são conhecidas e quem, no dia a dia, se mostra inseguro, pode adquirir confiança, pois escrever é sempre um ato de coragem, é sair do individual para o coletivo. A escrita, por mais que atenda a uma necessidade de quem escreve, é também coletiva.

Considerações finais

Ao findar este artigo memorial, em outubro de 2024, tenho trinta livros escritos, sendo que nove já foram publicados. A cada nova ideia que me vem à mente é como se eu voltasse ao Felipe de doze anos, isto é, a empolgação dos meus primeiros textos é minha companheira, o que confirma o princípio de Mário Quintana (2006, p. 174) de que “O passado não reconhece o seu lugar, está sempre presente”; e também o princípio de Freud (2022) expresso na obra “A psicopatologia da vida cotidiana”, de que o inconsciente é atemporal.

É essa empolgação, a mim inculcida pela minha mãe e pelo professor Sebastião, que eu procuro transmitir aos meus alunos, acreditando que também eu possa gerar novos escritores e, com isso, novas histórias. Quando vejo que meus alunos se animam com as minhas propostas e que me trazem textos para eu ler e, quem sabe, publicar, eu sinto que estou no caminho certo, ou seja, no caminho dos meus

formadores e que também eu tenho ajudado a formar pessoas para a leitura e para a escrita: a isso chamo de sucesso.

Referências

Camus, Albert & Germain, Louis. **Caro professor Germain**. Trad. de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Record, 2024.

Figueira, Felipe. **Nietzsche e o eruditismo**. Curitiba: CRV, 2018.

_____. **O percurso formativo (parte 1): as graduações (História, Pedagogia e Direito)**. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online), v. 244, 2024, p. 163-169.

_____. **O percurso formativo (parte 2): mestrado e doutorado**. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online), v. 245, 2024. p. 56-62.

_____. **O percurso formativo (parte 3): o pós-doutorado**. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online), v. 246, 2024, p. 33-42, 2024.

_____. **O plano de aula e a banca de concurso**. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online), v. 230, 2021, p. 201-210.

_____. **Sossélla sopra silfos**. São Paulo: Telucazu Edições, 2023.

Flaubert, Gustave. **Cartas exemplares**. Trad. de Carlos Eduardo Lima Machado. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

Freud, Sigmund. **Obras completas, volume 5: psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos (1901)**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Hemingway, Ernest. **Paris é uma festa**. Trad. Ênio Silveira. 15ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Kiefer, Charles. **Para ser escritor**. São Paulo: Leya, 2010.

Nietzsche, Friedrich. **Ecce homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Quintana, Mário. **Caderno h**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

Saint-Exupéry, Antoine de. **O Pequeno príncipe**. Trad. Dom Marcos Barbosa. 51ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

Zinsser, William. **Como escrever bem: o clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção**. Trad. de Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Três Estrelas, 2017.